

História da África



África

A África é o terceiro continente mais extenso (depois da Ásia e da América) com cerca de 30 milhões de quilômetros quadrados, cobrindo 20,3 % da área total da terra firme do planeta. É o segundo continente mais populoso da Terra (atrás da Ásia) com cerca de um bilhão de pessoas (estimativa para 2005), representando cerca de um sétimo da população mundial, e 54 países independentes.

Apresenta grande diversidade étnica, cultural, social e política. Dos trinta países mais pobres do mundo (com mais problemas de subnutrição, analfabetismo, baixa expectativa de vida), pelo menos 21 são africanos. Apesar disso existem alguns países com um padrão de vida razoável, mas não existe nenhum país realmente desenvolvido na África. Maurícia e Seicheles têm uma qualidade de vida bastante razoável, como até a recente revolução também a Líbia. Ainda há outros países africanos com qualidade de vida e índices de desenvolvimento razoáveis, como a maior economia africana, a África do Sul (0,666) e outros países como Marrocos (0,628), Argélia (0,736), Tunísia (0,726), Cabo Verde (0,646), São Tomé e Príncipe (0,555), Congo (0,598) e Botswana (0,698)

A África costuma ser regionalizada de duas formas, a primeira forma valoriza a localização dos países e os dividem em cinco grupos, que são a África setentrional, a África Ocidental, a África central, a África Oriental e a África meridional. A segunda regionalização desse continente, que vem sendo muito utilizada, usa critérios étnicos e culturais (religião e etnias predominantes em cada região), é dividida em dois grandes grupos, a África Branca ou setentrional, formado pelos oito países da África do norte, mais a Mauritânia e o Saara Ocidental, e a África Negra ou subsaariana, formada pelos outros 44 países do continente.

Afri era o nome de vários povos que se fixaram perto de Cartago no Norte de África. O seu nome é geralmente relacionado com os fenícios como afar, que significa "poeira", embora uma teoria de 1981, tenha afirmado que o nome também deriva de uma palavra de berbere, ifri, palavra que significa "caverna", em referência à gruta onde residiam.

No tempo dos romanos, Cartago passou a ser a capital da Província de África, que incluiu também a parte costeira da moderna Líbia. Os romanos utilizaram o sufixo "-ca" denotando "país ou território". Mais tarde, o reino muçulmano de Ifríquia, actualmente Tunísia, também preservou o nome.

Outras etimologias têm sido apontadas como originárias para a antiga denominação "África":

No século I, o historiador judeu Flávio Josefo (Ant. 1.15) afirmou ter sido nomeado para Epher, neto de Abraão, segundo o Génesis (25:4), cujos descendentes, segundo ele, tinha invadido a Líbia.

aprica, palavra latina que significa "ensolarados", mencionada por Isidoro de Sevilha (século VI), em Etymologiae XIV.5.2

aphrike, palavra grega que significa "sem frio". Esta foi proposta pelo historiador Leo Áfricanus (1488-1554), que sugeriu a palavra grega phrike (φρίκη, significando "frio e horror"), combinado com o prefixo privativo "-um", indicando assim um terreno livre de frio e de horror.

Massey, em 1881, afirmou que o nome deriva do egípcio af-rui-ka, que significa "para virar em direção a abertura do Ka." O Ka é o dobro energético de cada pessoa e de "abertura do Ka" remete para o útero ou berço. África seria, para os egípcios, "o berço."

Pré-história, Antiguidade e Idade Média

As quatro colossais estátuas de Ramsés II na entrada do templo de Abu Simbel, símbolos da civilização do Antigo Egito.

A África sempre despertou o interesse dos europeus pelo ar misterioso e exótico e por guardar elementos bem diferentes daqueles com os quais eles estavam acostumados. Até mesmo o norte do continente, conhecido há mais tempo, apresentava civilizações com hábitos e costumes muito particulares aos olhos ocidentais. Exemplo disso foi a civilização egípcia, que demonstrou o poder e a capacidade intelectual dos povos africanos.

O homem passou a estar presente na África durante os primeiros anos da era quaternária ou os últimos anos da era terciária. A maioria dos restos de homínidos fósseis que os arqueólogos encontraram — australopitecos, Homo habilis, Homo erectus, Homo heidelbergensis, homens de Neandertal e de Cro-Magnon — em lugares diferenciados da África é a demonstração de que essa parte do mundo é importante no processo evolutivo da espécie humana e indica, até, a possível busca das origens do homem nesse continente. As semelhanças comparáveis da história da arte que vai entre o paleolítico e o neolítico são iguais às das demais áreas dos continentes europeu e asiático, com diferenças focadas em regiões então desenvolvidas. A maioria das zonas do interior do continente, meio postas em isolamento, em contraposição ao litoral, ficaram permanentes em estágios do período paleolítico, apesar de a neolitização processada ter início em 10000 a.C., com uma diversidade de graus acelerados.

O Norte da África é a região mais antiga do mundo. A civilização egípcia floresceu e inter-relacionou-se com as demais áreas culturais do mundo mediterrâneo, motivos pelas quais essa região foi estreitamente vinculada, há milhares de séculos, depois que a civilização ocidental foi geralmente desenvolvida. As colônias pertencentes à Fenícia, Cartago, a romanização, os vândalos aí fixados e o Império Bizantino influente são os fatores pelos quais foi deixada no litoral mediterrâneo da África uma essência da cultura que posteriormente os árabes assimilaram e modificaram. Na civilização árabe foi encontrado um campo de importância em que foi expandida e consolidada a cultura muçulmana no Norte da África. O Islã foi estendido pelo Sudão, pelo Saara e pelo litoral leste. Nessa região, o Islã é a religião pela qual foram sendo seguidas as rotas de comércio do interior da África (escravos, ouro, penas de avestruz) e estabelecidos enclaves marítimos (especiarias, seda) no oceano Índico.

Simultaneamente, na África negra foram conhecidos vários impérios e estados que aí floresceram. Estes impérios e estados nasceram de grandes clãs e tribos submetidos a um só soberano poderoso com características próprias do feudalismo e da guerra. Entre esses impérios de maior importância figuram o de Aksum, na Etiópia, que teve sua chegada ao apogeu no século XIII; o de Gana, que desenvolveu-se do século V ao século XI e os estados muçulmanos que o sucederam foram o de Mali (do século XIII ao século XV) e o de Songhai (do século XV ao século XVI); o reino Abomey do Benim (século XVII); e a confederação zulu do sudeste africano (século XIX).

Idades Moderna e Contemporânea

Durante o século XV os exploradores vindos da Europa chegaram primeiro ao litoral da África Ocidental. O estímulo dado a essa exploração foi uma forma de buscar novos caminhos para as Índias, após o comércio ser fechado por parte dos turcos no leste do Mar Mediterrâneo. Os colonizadores de Portugal, da Espanha, da França, da Inglaterra e dos Países Baixos foram os competidores do novo caminho, estabelecendo no litoral feitorias e portos de embarque para, principalmente, comercializar escravos. Concomitantemente, foram realizadas as primeiras viagens científicas que adentraram o interior do continente: Charles-Jacques Poncet na Abissínia, em 1700; James Bruce em 1770, procurando o local onde nasce o Nilo; Friedrich Konrad Hornemann viajando no deserto da Líbia sobre a garupa de um camelo, em 1798; Henry Morton Stanley e David Livingstone na bacia do Congo, em 1879.

A partir do século XIX, as potências europeias interessadas política e economicamente representavam estímulo para que o interior da África seja penetrado e colonizado. As potências europeias desejavam a criação de impérios que fossem estendidos de litoral a litoral, mas isso fez com que

o Reino Unido (pelo qual foi conseguida a ocupação de uma faixa de norte a sul, do Egito à África do Sul, além de demais zonas colonizadas no golfo da Guiné), a França (que estabeleceu-se no noroeste da África, em parte do equador africano e em Madagascar) e, em quantidade pequena, Portugal (Angola, Moçambique, Guiné e uma diversidade de ilhas estratégicas), Alemanha (Togo, Tanganica e Camarões), Bélgica (Congo Belga), Itália (Líbia, Etiópia e Somália) e Espanha (parte do Marrocos, Saara Ocidental e enclaves na Guiné) brigassem entre si. A partilha da África foi formalmente consumada na Conferência de Berlim de 1884-1885, na qual firmou-se o princípio da ocupação efetiva como forma de legitimar as colônias empossadas.

Devido ao regime colonial estabelecido no continente, foram destruídas e modificadas as estruturas sociais, econômicas, políticas e religiosas da maioria do território da África negra. As colônias que proclamaram sua independência, processo emancipatório que se iniciou após a Segunda Guerra Mundial e se concluiu principalmente de 1960 até 1975, tiveram que enfrentar problemas graves de integração nacional, resultantes das fronteiras arbitrárias herdadas do sistema colonial, além da pobreza prevalente no continente e o rápido crescimento da população africana, mais elevado do que o número de alimentos produzidos. Acresce que econômica e politicamente dependem em boa parte das antigas metrópoles, que a sua administração se caracteriza geralmente por ineficiência e corrupção, e que a persistente divisão étnica e religiosa leva a conflitos de vária ordem. Estes e outros fa(c)tores são as principais barreiras que impedem que os novos países se desenvolvam. Os seus governos, muitas vezes com características de ditaduras militares ou de um presidencialismo autoritário, são frequentemente impecilhos em vez de motores do desenvolvimento. Nalguns casos têm tendência à adoção de políticas concebidas para garantir a libertação dos países das potências estrangeiras. A cooperação entre países africanos, ensaiada para facilitar a solução dos seus problemas, deu origem a uma diversidade de organizações supranacionais que se baseiam-se na ideia do pan-africanismo, ou a totalidade dos povos africanos unidos em torno dos interesses comuns. A organização de maior importância é a Organização da Unidade Africana (OUA).

Geografia

A África está separada da Europa pelo mar Mediterrâneo e liga-se à Ásia na sua extremidade nordeste pelo istmo de Suez. O continente é o único que se estende pelo hemisfério norte e hemisfério sul, atravessado pela linha do equador e o meridiano de Greenwich. No entanto, a África ocupa uma

única placa tectônica, ao contrário da Europa que partilha com a Ásia a placa Euro-asiática.



Imagem de satélite do continente africano

Do seu ponto mais a norte, Ras ben Sakka, em Marrocos, à latitude $37^{\circ}21'N$, até ao ponto mais a sul, o cabo das Agulhas na África do Sul, à latitude $34^{\circ}51'15'' S$, há uma distância de aproximadamente 8 000 km. Do ponto mais ocidental de África, o Cabo Verde, no Senegal, à longitude $17^{\circ}33'22''W$, até Ras Hafun na Somália, à longitude $51^{\circ}27'52'' E$, são cerca de 7 400 km.

Para além do mar Mediterrâneo, a norte, a África é banhada pelo oceano Atlântico na sua costa ocidental e pelo oceano Índico do lado oriental. O comprimento da linha de costa é de 26 000 km.

A área territorial da África é de pouco mais de 30 milhões de quilômetros quadrados, já que é o terceiro continente mais extenso do mundo. A África é atravessada por três grandes paralelos terrestres de leste para oeste: Linha do Equador, Trópico de Câncer e Trópico de Capricórnio, além do Meridiano de Greenwich, no sentido norte-sul. A África tem cinco diferentes fusos horários.

Relevo

Exemplo: Monte Kilimanjaro, na Tanzânia, o ponto mais alto do continente africano, com 5 895 metros de altitude.

O relevo da África é, em sua maioria, formada por planaltos. É apresentada pelo continente uma altitude média de mais de 750 metros. As formas de relevo que ocupam todas as regiões centro e oeste são planaltos que se erodiram com intensidade. As rochas mais antigas constituem os planaltos. E os planaltos, propriamente ditos, tem como limites os grandes escarpamentos.

São contornadas pelos planaltos as depressões cujos rios atravessam, nas quais também são encontrados lagos e bacias hidrográficas de maior extensão, das quais podemos citar os rios Nilo, Congo, Chade, Níger, Zambeze, Limpopo, Cubango e Orange. Ao longo do litoral, estão situadas as planícies costeiras, por vezes com muita vastidão, como as planícies do Níger e do Congo.

No leste da África são encontradas um de seus aspectos físicos que mais se destacam: uma falha geológica que se estende no sentido norte-sul, o Grande Vale do Rift, em que são sucedidas montanhas, algumas que no passado geológico eram meros vulcões e depressões de maior extensão. É nessa região que estão localizados os maiores lagos do continente, cujas altas montanhas circundam-os, de mencionar o Kilimanjaro (5 895 m), o monte Quênia (5 199 m) e o Ruwenzori (5 109 m).

Podem ser destacados ainda dois grandes conjuntos formados pela elevação de terras, um na parte setentrional e outro na parte meridional do continente:

a cadeia do Atlas, pela qual é ocupada a região setentrional (Marrocos, Argélia e Tunísia). Sua formação é muito recente e são apresentadas pela Cordilheira do Atlas as montanhas cujos picos chegam a atingir 4 000 m de altitude;

a cadeia do Cabo, na África do Sul tem passado geológico muito antigo e seu ponto mais alto são os montes Drakensberg, com altitude superior a 3400 m de altitude.

Dando por completo uma visão do relevo da África, é possível a observação do fato de existir antigos maciços montanhosos em pontos diferenciados do continente: o da Etiópia, que se formou desde erupções de vulcão, o de Fouta Djallon e o de Hoggar, além de muitos outros.

Litoral

Os principais acidentes geográficos litorâneos são o golfo da Guiné no Atlântico Sul; e o estreito de Gibraltar, do Oceano Atlântico até o mar Mediterrâneo. Na parte oriental do continente está localizada a península da Somália, aquilo que os geógrafos também a chamam de Chifre da África no Brasil ou "Corno de África" em Portugal, e o golfo de Aden, cujo acidente geográfico que forma o golfo, propriamente dito, são as águas do oceano Índico. O golfo de Aden tem

como limites a península Arábica, que é pertencente à Ásia. Na parte meridional, está localizado o cabo da Boa Esperança.

Na África não existem muitas ilhas adjacentes. No Atlântico, estão localizadas a Região Autónoma da Madeira, ilhas Canárias, São Tomé e Príncipe e de Cabo Verde. No oceano Índico é encontrada uma ilha de maior extensão, Madagáscar, e outras pequenas que são os arquipélagos denominados Comores, Maurício e Seychelles.

Clima

Na África existem quatro tipos climáticos. São eles: equatorial, tropical, desértico e mediterrâneo.

O clima equatorial é de calor e umidade o ano inteiro. A parte abrangida pelo clima equatorial é a região centro-ocidental do continente; o clima tropical é quente com carência de chuvas no invernos. A parte dominada pelo clima é a quase a totalidade das terras africanas, entre o centro e o sul, com inclusão da ilha de Madagascar; a parte compreendida pelo clima desértico é uma grande área extensa da África, que acompanha os desertos do Saara e de Calaari; finalmente, as áreas de manifestação do clima mediterrâneo são pequenos trechos da extremidade setentrional e da extremidade meridional do continente. A apresentação térmica do clima de deserto é de temperaturas elevadas com a umidade dos invernos.

A quantidade de chuvas que caem na África é a causa principal dos muitos diferenciais que existem entre as paisagens africanas. A ocorrência das chuvas é abundante na região cortada pela linha do equador, mas tem insignificância nas áreas próximas ao Trópico de Câncer, onde está localizado o deserto do Saara, e do Trópico de Capricórnio, região pela qual o Calaari tem uma área extensa. Os desertos se localizam no interior do território africano e a área de ocupação dos desertos é definida a muitas partes do continente.

Hidrografia

Na África existem rios de maior extensão e volume, porque se localizam em regiões próximas aos trópicos e à linha do equador. O rio mais importante do continente é o Nilo, o segundo maior em extensão do mundo (depois do Solimões-Amazonas). Tem um comprimento de mais de 6 500 km. Sua nascente é próxima ao lago Vitória, cuja área percorrida é o nordeste africano e

o Nilo é afluente do mar Mediterrâneo. A bacia hidrográfica que é formada pelo rio principal e seus afluentes tem uma área de superior a três milhões de quilômetros quadrados. O vale do Nilo, resulta da união entre o Nilo Branco e o Nilo Azul. O solo apresentado pelo vale do Nilo é de extrema fertilidade. A atividade econômica principal do vale do Nilo é a agricultura. As grandes civilizações egípcia e de Meroé, na Antiguidade, tiveram existência em parte devido ao fato de ocorrer cheias que se repetem a cada ano.

Além do Nilo, entre os demais rios de importância para a África estão o Congo, o Níger e o Zambeze. De menor extensão, mas iguais em relevância, incluem o Senegal, o Orange, o Limpopo e o Zaire.

No que diz respeito aos lagos, na África existem alguns de extensão e profundidade, os muitos que se localizam na parte oriental do continente, como o Vitória, o Rodolfo e o Tanganica; a profundidade do Tanganica, propriamente dito, é superior a 1500 metros. A grande falha geológica, onde foram alojados os Grandes Lagos Africanos, é muito evidenciada enfaticamente pelo lago Tanganica. O lago mais extenso da região centro-ocidental é o Chade.

Flora e fauna

Nas áreas de clima equatorial existe uma abundância de chuvas o ano todo; devido à pluviosidade, a vegetação que domina o continente é a floresta equatorial. Nas partes setentrional e meridional dessa faixa, onde há umidade de verão, constatamos o aparecimento das savanas, que são o tipo de vegetação constituinte de maior abundância no continente. As áreas que são circundadas por essa região são zonas que podem contar com a amenidade das temperaturas, pouca chuva e a acentuação das estações secas, como o Sahel.

Ao longo do litoral do mar Mediterrâneo e da África do Sul, é destacada aquilo que os geógrafos e climatólogos a chamam de vegetação mediterrânea. A formação da vegetação mediterrânea é arbustiva e de gramíneas. Na parte meridional do continente, a província florística do Cabo tem relevância.

Como os africanos têm consciência ecológica da preservação de parte significativa de sua vegetação, na África são conservadas ainda numerosas espécies de sua fauna: na floresta equatorial abrigam-se, de maneira principal, aves e macacos; nas savanas e estepes estão reunidos antílopes, zebras, girafas, leões, leopardos, elefantes, avestruzes e geralmente animais maiores.

Regiões

Não é fácil fazer o agrupamento dos países da África em conjuntos que apresentem homogeneidade. Mas, para facilitar o estudo, o continente pode ser dividido em cinco regiões principais: Norte da África, África Ocidental, África Centro-ocidental, África Centro-oriental e África Meridional.

Norte da África

Inclusão por critérios geográficos

O Norte da África, aquilo que os geógrafos também chamam de África Setentrional e de África do Norte, é a maior região do continente em extensão territorial, que comporta três subdivisões: os países do Maghreb, os países do Saara e o vale do Nilo.

A palavra maghreb é da língua árabe tem o significado de "poente do Sol", ou seja, o ocidente. Os países que compõem o Maghreb são Marrocos, a Argélia, a Tunísia, a Mauritânia e a Líbia. Na paisagem, os acidentes geográficos que mais destacam o Maghreb são a cadeia do Atlas, junto ao mar Mediterrâneo, e o gigantesco deserto do Saara onde ambos os trechos são distintos: um pelas quais as dunas arenosas dominam, aquilo que os geógrafos e habitantes locais conhecem por Erg, e outro com muitas pedras, que se chama Hamadas.

A região do Magrebe tem um clima mediterrânico na encosta setentrional da cordilheira do Atlas e um clima desértico na parte setentrional dessa cordilheira.

A distribuição da população é desigual: a densidade demográfica é grande em áreas de maior umidade e, de modo natural, tem escassez nas áreas de deserto, onde a maioria da população é formada pelos árabes e pelos berberes, que são adeptos do islamismo.

Devido às condições naturais que não favorecem as lavouras, a agropecuária se desenvolve muito pouco, apesar do seu emprego para muitos trabalhadores em atividade que moram nesses países. Merecem destaque a agricultura mediterrânea, em que são cultivados vinhas, oliveiras, cítricos e tâmaras. É praticada a pecuária extensiva nas áreas de clima semiárido e a pecuária que se desloca sem destino próprio no deserto.

Como têm muitos minérios que são destinados à exportação, o alcance feito pelos países do Maghreb foi a implantação de uma diversidade de centros industriais destacados, como Argel, Túnis, Orã, Casablanca, Rabat, Fez e Marrakesh, que são algumas das cidades africanas de maior população e beleza.

Os principais produtos econômicos da Argélia são o petróleo e o gás natural, sendo que o país também faz parte da OPEP como membro desta organização internacional. Marrocos e Tunísia exportam muito fosfatos, que serve como matéria-prima para a indústria que fabrica fertilizantes.

Exemplo: O deserto do Saara na Líbia

A vastidão do deserto do Saara tem extensão por uma diversidade de países, mas é a característica natural da qual fazem parte a Mauritânia, o Mali, o Níger, o Chade e a Líbia na mesma sub-região. O solo árido e o predominante clima desértico não são favoráveis às atividades econômicas; a possibilidade de agricultura só existem juntamente aos oásis e em trechos de pouco comprimento do litoral. Mas as riquezas mineiras apresentadas pelo subsolo são a expressividade das reservas de petróleo, gás natural, ferro e urânio.

Mesmo com o encontro do Egito com o Sudão no deserto do Saara, o rio Nilo ali presente pode ser agrupado em outra sub-região. Como os rios Nilo Branco e Nilo Azul formam o famoso acidente geográfico fluvial, é atravessada pelo Nilo a totalidade do território desses países, cujo rio proporciona a melhoria das condições vitais para seu povo.

O solo apresentado pelo vale do Nilo é de extrema fertilidade, no qual é praticada com intensidade a agricultura. Conseqüentemente desse fato, a população do Egito e Sudão é muito maior no deserto do Saara. O Cairo é, por exemplo, a maior cidade da África em população e uma das mais populosas do mundo, com mais de 11 milhões de habitantes.

De menor expressão no Sudão, a indústria egípcia é de maior desenvolvimento e diversidade, das quais podem ser citadas as indústrias siderúrgica, a elétrica e a têxtil, assim como as de produtos químicos e alimentícios. Também no subsolo do Egito e do Sudão são encontradas reservas de petróleo e gás natural, além de ferro, fosfato e potássio.

África Ocidental

África Ocidental (sub-região da ONU)

Maghreb, uma região separada.

A África Ocidental está localizada entre o deserto do Saara e o golfo da Guiné e nela são abrangidos 17 países independentes (ver lista de países, abaixo).

Devido ao fato de se localizar entre o deserto e o golfo, o clima da região é do tipo equatorial, e a vegetação é formada por savanas na parte setentrional e florestas na parte meridional, onde chove bastante.

A densidade demográfica da África Ocidental é menor nas regiões sob influência do Saara e maior no sul. A Nigéria alberga cerca de 60% de sua população.

A principal atividade econômica é a agricultura, alternada entre a agricultura de subsistência e a plantação de produtos que se destinam à exportação, como o café, cacau, amendoim, banana e outros.

O fato de a África Ocidental chegar à industrialização, que está se expandindo, é dependente dos capitais estrangeiros. Os países de maior desenvolvimento no setor são: Nigéria, Costa do Marfim e Senegal.

África Central

Vista de Luanda, a capital de Angola.

Os países agrupados por essa região são quatro: República Centro-Africana, República do Congo, República Democrática do Congo e Angola. Está localizada na porção equatorial do continente, que faz limite com o Atlântico a oeste e com altas escarpas montanhosas e grandes falhamentos a leste, sendo verificados, no resto do território, os planaltos e planícies alternadas cujos rios caudalosos atravessam. A região tem um clima de calor e umidade nos países da extremidade norte, sendo verificadas as presentes florestas equatoriais. O clima predominante na extremidade sul da África Ocidental é o tropical, tendo como ecossistema as savanas.

A população dessa região é menos densa cujo grupo étnico principal são os negros que fazem parte majoritariamente do grupo banto. Os países mais populosos da África Central são Zaire e Angola.

É semelhante a agricultura da África Central em relação à agricultura da África Ocidental. A importância da exploração mineral é maior para o Zaire e Angola, onde são encontradas jazidas de cobre, cobalto, manganês e ferro. O extrativismo vegetal, notadamente de madeira, é responsável pelo reforçamento da economia regional.

Como na quase totalidade do continente, há poucas indústrias, mas os lençóis petrolíferos descobertos na faixa litorânea e o grande potencial hidrelétrico que esses países possuem têm como vantagem o oferecimento do progresso esperado.

África Oriental

África Oriental (sub-região da ONU)

Comunidade da África Oriental

Federação da Rodésia e Niassalândia (extinta)

Outros países por vezes considerados nesta região

A África Oriental compreende a área que vai da bacia hidrográfica do rio Congo até as águas do mar Vermelho e do oceano Índico. Os países que são agrupados pela África Oriental são no total dez: Eritreia, Etiópia, Djibuti, Somália, Quênia, Tanzânia, Uganda, Ruanda, Burundi e Seychelles. Como a diversidade da paisagem é muito grande, é verificada, em meio à quantidade menor de planícies e da elevação dos planaltos, os ali presentes maciços montanhosos, grandes falhamentos, a grande quantidade de vulcões e lagos. O clima predominante é o tropical, com atenuação das temperaturas pela altitude. A variação de um quadro oferecido pela vegetação é formada pelas florestas equatoriais, pelas savanas, pelas estepes e pelas formações características de áreas desérticas.

As etnias da África Oriental não têm homogeneidade: na península da Somália, aquilo que os geógrafos a conhecem como "Chifre da África" no Brasil ou "Corno de África" em Portugal apenas porque tem a peculiaridade desse formato, a predominância da população tem como grupo étnico os negros do grupo banto, enquanto em outras áreas são encontrados expressivamente a quantidade de camitas, árabes, indianos e europeus. O contingente que é habitante da zona rural é numericamente maior do que a população das cidades; as cidades mais populosas da África Oriental são Nairóbi, Mogadíscio e Adis-Abeba.

Na África Oriental, a economia que tem como base a agricultura, que se organiza principalmente de acordo com o sistema de plantation, é dedicada aos produtos exportados que são o café e o algodão. A escassez de recursos minerais é limitada em jazidas menores de ouro, platina, cobre, estanho e tungstênio. Também na África Oriental a vantagem que ainda não foi atingida pela industrialização representa um grau de satisfação ao fato de que a economia se desenvolva.

Uma das regiões de maior pobreza e onde ocorrem mais conflitos é a África Centro-oriental. Seu povo teve crises de seca e fome (Somália e Etiópia) e conflitos entre etnias em que morreram 800 mil hutus e tutsis em Ruanda e Burundi.

África Meridional

As Cataratas Vitória, localizadas no rio Zambeze, na fronteira entre a Zâmbia e o Zimbábue.

A África Meridional, cuja linha imaginária do Trópico de Capricórnio atravessa, está dividida em doze países. No relevo da África Meridional são predominantes os planaltos cujas baixas altitudes da faixa litorânea circundam. Correspondendo ao clima, que tem variação entre a umidade do tropical e o desértico (na região do Calaari), fazendo a passagem, pelo mediterrâneo, é encontrada uma vegetação que também tem diversidade, em que é verificada a savanas ali presentes, estepes e até mesmo florestas (em conjunto com o litoral do oceano Índico).

O ponto vantajoso das reservas de minério é que sustentam de maneira principal a economia da África Meridional. Merecem ser destacados os principais produtos econômicos do extrativismo mineral da África do Sul, que são o ouro, os diamantes, o crômio e o manganês) e da Zâmbia, que são o cobre e o cobalto. Como atividades que geram dinheiro podem ser citadas ainda a agricultura, onde os camponeses produzem alimentos de clima mediterrâneo como vinhas, oliveiras e frutas e alimentos de clima tropical como cana-de-açúcar, café, fumo e algodão, além dos pecuaristas criarem extensivamente os bois.

No território sul-africano, que é o país que tem mais indústrias no continente, a concentração das indústrias está localizada nas regiões metropolitanas de Joanesburgo, Cidade do Cabo e Durban. Na África do Sul, o regime político que oficializou a segregação racial foi apartheid. Através desse regime, por 15,5% da população, que são os brancos, foi dominado o país até 1994. Desde

a instituição do apartheid, brancos e não-brancos tiveram relações socialmente muito desiguais.

O Estado namibiano, que proclamou sua independência em 1990, fazia parte da África do Sul num período de 70 anos. Depois que a Alemanha colonizou de maneira original a Namíbia, foi elevado à categoria de colônia da África do Sul depois da Primeira Guerra Mundial. O primeiro governante que a população da Namíbia elegeu após a proclamação da independência foi Sam Nujoma, que liderava o movimento guerrilheiro num período de 30 anos.

Limites e dimensões

A África limita-se a norte com o mar Mediterrâneo, a sul com a confluência dos oceanos Atlântico e Índico, a Este com a Ásia e o oceano Índico e a oeste com o oceano Atlântico.

No oceano Índico encontra-se Madagáscar, a maior ilha da África, separada do continente pelo canal de Moçambique.

O continente Africano tem aproximadamente 30 270 000 km², sendo o terceiro continente mais extenso atrás da Ásia e da América: No sentido este-oeste tem 7400 km, pouco menos que a extensão norte-sul que é de aproximadamente 8000 km.

O extremo Norte encontra-se no Ras ben Sakka na Tunísia à latitude 37° 21' Norte e extremo Sul no cabo das Agulhas na África do Sul a latitude 34° 51' S. O extremo Leste encontra-se no Ras Hafun na Somália, à longitude 51° 27' E. O extremo oceânico no Cabo Verde no Senegal à longitude 17°33'22" W.

Demografia

Imagem de satélite da África à noite, evidenciando a densidade demográfica do continente.

Mapa religioso da África

África é o terceiro continente em extensão territorial, e o segundo continente mais populoso (atrás da Ásia) com cerca de um bilhão de pessoas (estimativa para 2005), representando cerca de um sétimo da população do mundo, cifra que lhe confere uma densidade demográfica de cerca de 30 habitantes por quilômetro quadrado.

Essa pequena ocupação demográfica encontra explicações nos seguintes fatores:

grande parte do continente é ocupada por áreas desfavoráveis a concentrações humanas: desertos, florestas densas e emaranhadas e formações vegetais típicas de solos pobres;

os índices de mortalidade são muito altos; embora tenham diminuído nos últimos 50 anos, ainda se mantêm superiores aos de outros continentes;

a África é um continente que recebeu correntes migratórias; ao contrário, perdeu inúmeros habitantes na época do tráfico de escravos.

A população africana caracteriza-se também pela distribuição irregular. O vale do Nilo, por exemplo, possui densidade demográfica de 500 hab./km², enquanto os desertos e as florestas são praticamente despovoados. Outros pontos de alta densidade são o golfo da Guiné, as áreas férteis em torno do lago Vitória e alguns trechos no extremo norte e no extremo sul do continente. As regiões das savanas, de maneira geral, são áreas de densidades demográficas médias.

Poucos países africanos apresentam população urbana numericamente superior à rural; entre os que se enquadram nesse caso estão Argélia, Líbia e Tunísia.

A quase totalidade dos países africanos exhibe características típicas do subdesenvolvimento: elevadas taxas de natalidade e de mortalidade, bem expectativa de vida muito baixa. Resulta desses fatores a preponderância de jovens na população, que, além de apresentarem menor produtividade, requisitam grandes investimentos em educação e nível de emprego.

Em correspondência com os diferentes ramos étnico-culturais, encontram-se na África três religiões principais: o Islão, que se manifesta sobretudo na África Branca, mas é também professado por numerosos povos negros; o cristianismo, religião levada por missionários e professada em pontos esparsos do continente; e as religiões tradicionais africanas centradas no animismo, seguido em toda a África Negra. Esta última corrente religiosa, na verdade, abrange grande número de seitas politeístas, que possuem em comum a crença na força e na influência dos elementos da natureza sobre o destino dos homens.

Da mesma forma que as religiões, existem inúmeras línguas no continente: várias línguas de origem africana e os idiomas introduzidos pelos colonizadores, utilizados até hoje. Os principais são: árabe, inglês, francês, português, espanhol e africâner, língua oriunda do neerlandês, falada pelos descendentes de neerlandeses, alemães e franceses da África do Sul e da Namíbia.

Cinco dos países de África foram parte do Império Português e usam a língua portuguesa como oficial (ver PALOP). Em Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe ainda são falados crioulos de base portuguesa.

Urbanização

Predefinição: Lista das maiores áreas metropolitanas da África

Composição étnica

Mapa etnolinguístico do continente africano (1996) (em inglês).

A maior parte da população africana é constituída por diferentes povos negros, mas há expressiva quantidade de brancos, que vivem principalmente na porção setentrional do continente, ao norte do deserto do Saara, por isso mesmo denominada "África Branca". São principalmente árabes e berberes, mas incluem também os tuaregues; aparecem ainda, embora em menor quantidade, judeus e descendentes de europeus.

A sul do Saara estende-se a chamada "África Negra", povoada por grande variedade de grupos negroides que se diferenciam entre si por diferenças culturais, como as religiões que professam e a grande diversidade de línguas que falam. Os grupos mais importantes são:

bantos: são numericamente superiores aos demais grupos. Habitam a metade sul do continente e têm como atividades principais a criação de gado e a caça. Constituíram o maior contingente de africanos trazidos ao Brasil.

nilóticos: são encontrados na região do Alto Nilo e caracterizam-se pela estatura elevada.

pigmeus: de pequena estatura, vivem principalmente na Floresta do Congo e em seus arredores, onde sua subsistência na caça e na coleta de raízes.

bosquímanos ou khoisan: habitam a região do Deserto de Kalahari, sendo atualmente pouco numerosos; distinguem-se como grandes caçadores de antílopes e avestruzes.

Além dos negros, encontramos na África os malgaxes, povo de origem malaia que habita a ilha de Madagascar, os indianos trazidos pelos

colonizadores ingleses e portugueses para a África Oriental, além de um pequeno número de imigrantes chineses e de origem europeia.

Problemas socioeconômicos

Fome

Crianças somalis esperando pela ajuda americana da Operação Good Relief em 1992.

Existe no mundo uma diversidade de regiões que a fome atinge. A fome é a causa de morte para milhares de pessoas anualmente. Os principais focos são Haiti, Indochina, Índia e Bangladesh. Mas não há outro lugar onde ocorre a disseminação do problema a não ser na África. Apesar disso, a fome atinge com dureza trinta países, em primeiro lugar, principalmente aqueles que se localizam nas áreas adjacentes do deserto do Saara. Por esse motivo, com alguma frequência a associação da fome está relacionada com o clima árido e as precipitações irregulares.

O clima adverso, porém, apenas faz a amplitude da miséria da maioria dos cidadãos africanos, que vivem numa posição inferior à linha da pobreza e às péssimas condições de que podem sobreviver. Outros fazem a contribuição para a composição desse quadro dramático.

Para o profundo entendimento de tudo aquilo que causou a fome na África é importante é a volta no tempo à época em que foi colonizada, quando os europeus introduziram o sistema de plantation para realizar a produção de gêneros que se destinam à exportação, tornando reduzida a área de cultivos de subsistência (milho, sorgo, mandioca, etc.). A maioria dos países africanos exportadores, por valores flutuantes, matérias-primas para os países ricos e que fazem a importação, a preços caríssimos, alimentos para suas populações que passam fome.

Com a agricultura extensiva, o homem derruba as matas e em seus limites ocorre o avanço do deserto. A produção necessária para exportar não permite que seja praticado o sistema de descansar a terra, que se esgota com rapidez e mesmo assim o fato de utilizar fertilizantes é de difícil recuperação. Geralmente, dessa forma, houve a diminuição da produtividade agrícola em muitos países africanos. O fato de introduzir a pecuária extensiva, em consequência da pecuária nômade, que se pratica de maneira tradicional no continente, também é causadora de danos às paisagens africanas, pois ocorre

a morte dos rebanhos com as pastagens que se reduziram, sendo que a fome os atinge, igualmente à população.

Outro problema é o descompasso existente entre o enorme crescimento populacional e o reduzido crescimento, ou mesmo estagnação, da agropecuária. Apesar das elevadas taxas de mortalidade infantil e geral, da ineficácia dos serviços de saúde e das numerosas doenças, a população africana cresce em níveis muito altos. A todos esses problemas é preciso acrescentar outro, ainda mais marcante: as guerras. A colonização da África impôs divisões políticas que nunca coincidiram com as divisões tribais e, atualmente, guerras entre tribos agravam ainda mais a fome e a mortalidade no continente.

Quando o problema torna-se agudo demais, é comum organizarem-se campanhas nos países mais ricos. Essas campanhas, no entanto, conseguem apenas atenuar o problema, pois atacam as suas consequências e não as suas causas. Além disso, nem todos os recursos provenientes dessas campanhas chegam a seu destino, pois a rede de transportes e demais serviços de infraestrutura extremamente precários fazem com que parte dos alimentos enviados não alcance as populações mais isoladas.

Racismo

"For use by white persons" (em português: "Para uso de pessoas brancas") – placa da era do apartheid, na África do Sul.

Em nenhuma outra parte do mundo a questão racial assumiu questões tão graves como na África do Sul. Embora os negros, mestiços e indianos constituam 86% da população, eram os brancos que detinham todo o poder político, e somente eles gozavam de direitos civis.

A origem desse sistema, denominado apartheid, data de 1911, quando os africânderes (descendentes de agricultores holandeses que emigraram para a África do Sul) e os britânicos estabeleceram uma série de leis para consolidar seu domínio sobre os negros. Em 1948, a política de segregação racial foi oficializada, criando direitos e zonas residenciais para brancos, negros, asiáticos e mestiços.

Na década de 1950, foi fundado o Congresso Nacional Africano (CNA), entidade negra contrária à segregação racial na África do Sul. Em 1960, o CNA foi declarado ilegal e seu líder Nelson Mandela, condenado à prisão

perpétua. De 1958 a 1976, a política do apartheid se fortaleceu com a criação dos bantustões, apesar dos protestos da maioria negra.

Diante de tal situação, cresceram o descontentamento e a revolta na maioria subjugada pelos brancos; os choques tornaram-se frequentes e violentos; e as manifestações de protesto eram decorrência natural desse quadro injusto. A comunidade internacional usou algumas formas de pressão contra o governo sul-africano, especialmente no âmbito diplomático e econômico, no sentido de fazê-lo abolir a instituição do apartheid.

Governo e política

Mapa de África Colonial em 1913.

Bélgica

França

Alemanha

Grã-Bretanha

Itália

Portugal

Espanha

Estados independentes (Libéria e Etiópia)

A atual divisão política da África somente se configurou nas décadas de 1960 e 1970. Durante séculos, o continente foi explorado pelas potências europeias - Reino Unido, França, Portugal, Espanha, Bélgica, Itália e Alemanha -, que o dividiram em zonas de influência adequadas aos seus interesses. Ao conseguirem a independência, os países africanos tiveram de se moldar às fronteiras definidas pelos colonizadores. Estas, por um lado, separavam de modo artificial grupos humanos pertencentes às mesmas tribos, falantes dos mesmos dialetos e praticantes dos mesmos costumes e submetia-os, por outro lado, à influência de valores europeus.

Em muitos desses novos países, após a independência, houve inevitáveis revoltas separatistas e golpes de Estado que terminaram por instaurar ditaduras. Seguindo diretrizes capitalistas ou socialistas,

os governos assim constituídos distinguiram-se sempre pela perseguição política, que chegava a culminar em torturas e massacres dos opositores.

Em grande parte dos casos, a independência política não foi total, pois geralmente os novos países mantiveram laços econômicos com as ex-metrópoles e, durante a Guerra Fria, alguns ligaram-se às grandes potências (Estados Unidos e extinta União Soviética) em busca de assistência militar e econômica.

De tudo isso resulta a existência de muitos focos de conflito no continente. Em alguns casos trata-se de lutas de caráter político: grupos que pretendem conquistar o poder se confrontam com os que detêm o domínio da região. Em outros, o motivo principal é o separatismo, originado pela artificialidade das fronteiras coloniais herdadas.

Países e territórios atuais

Norte de África (físico-geograficamente, a Península de Sinai, no Egito, pertence ao Médio Oriente, região da Ásia).

África Ocidental

África Central

África Oriental

África Meridional ou África Austral

Países membros da União Africana (verde escuro)

África Meridional

 África do Sul

 Angola

 Botswana

 Comores

 Lesoto

 Madagáscar

 Malawi

 Maurícia

 Moçambique

 Namíbia

 Suazilândia

 Zâmbia

 Zimbabwe

África Central

 Chade

 República do Congo

 República Centro-Africana

 República Democrática do Congo

África Ocidental

 Benim

 Burkina Faso

 Cabo Verde

 Camarões

 Costa do Marfim

 Gabão

 Gâmbia

 Gana

 Guiné

 Guiné-Bissau

 Guiné Equatorial

 Libéria

 Mali

 Mauritânia

 Níger

 Nigéria

 São Tomé e Príncipe

 Senegal

 Serra Leoa

 Togo

África Setentrional

 Argélia

 Egito

 Líbia

 Marrocos

 Sudão

 Sudão do Sul

 Tunísia

África Oriental

 Burundi

 Djibouti

 Eritreia

 Etiópia

 Quênia

 Ruanda

 Seicheles

 Somália

 Tanzânia

 Uganda

Estados não reconhecidos ou em disputa

 Saara Ocidental (República Democrática Árabe Saariana)

 Somalilândia

Dependências

 Noruega

Ilha Bouvet (normalmente considerada ilha da Antártida)

 Reino Unido

Santa Helena, Ascensão e Tristão da Cunha

Outros territórios

Há ainda territórios pertencentes a países (ou territórios dependentes) de outros continentes, não constituindo portanto dependências:

 Portugal

Madeira

Porto Santo

Desertas

Selvagens

 Espanha

Ilha de Alborão

Penedo de Alhucemas

Ilhas Canárias

Ceuta

Ilhas Chafarinas

Melilha

Ilha de Perejil

Penedo de Vélez de la Gomera

 França

Maiote

Reunião

 Itália

Pantelária

Ilhas Pelágias

 Terras Austrais e Antárticas Francesas (dependência antártica de França)

Bassas da Índia

Ilha Europa

Ilhas Gloriosas

Ilha de João da Nova

Ilha Tromelin

Outros agrupamentos de países africanos usadas frequentemente

África subsaariana

Corno de África (no Brasil, Chifre da África)

Guiné

Magrebe (ou Magreb)

Noroeste da África

Economia

Joanesburgo, África do Sul, a cidade mais rica do país e de todo o continente africano, responsável por 33% do PIB sul-africano e por 10% do PIB da África.

A África é o continente mais pobre do mundo, onde estão quase dois terços dos portadores do vírus HIV do planeta, a continuidade dos conflitos armados, o avanço de epidemias e o agravamento da miséria põem em causa o seu desenvolvimento. Algumas nações alcançaram relativa estabilidade política, como é o caso da África do Sul, que possui sozinha um quinto do PIB de toda a África.

Distinguindo-se pelas elevadas taxas de natalidade e de mortalidade e pela baixa expectativa de vida e abrigando uma população jovem, a África caracteriza-se pelo subdesenvolvimento.

Aparecendo ao mesmo tempo como causa e consequência desse panorama, os setores econômicos em que os países africanos apresentam algum destaque constituem herança do seu passado colonial: o extrativismo e a agricultura - setores em que são baixos os investimentos e o custo da mão-de-obra - cuja produção é destinada a abastecer o mercado externo.

Extrativismo

Exemplo: Mapa da África mostrando a pesca e a aquicultura (antes da independência do Sudão do Sul).

A África detém grandes reservas minerais, destacando-se o ouro e os diamantes da África do Sul, do Zaire e de Gana, que respondem pela maior parte da produção mundial. É igualmente rica em fontes energéticas como petróleo e gás natural, explorados principalmente na Nigéria, no Gabão, na Líbia, na Argélia e no Egito.

O subsolo africano fornece também em abundância os seguintes minerais: antimônio (África do Sul), fosfatos (Marrocos, grande produtor mundial), manganês (Gabão e África do Sul), cobre (Zâmbia e Zaire), urânio (África do Sul e Gabão).

Apesar da diversidade de minerais encontrada em seu subsolo, a África revela-se um continente pobre, o que é explicado pelo fato de a exploração das riquezas minerais estar a cargo de companhias europeias ou norte-americanas. Estas, ao se instalarem, implantam na região uma infraestrutura - equipamentos, técnicas e meios de transporte - visando exclusivamente à extração e exportação das riquezas sem estado bruto para os países industrializados, de modo que a maior parte dos lucros provenientes desse setor acaba se encaminhando para fora do continente.

A caça, a pesca e a coleta de produtos naturais ainda constituem importantes fontes de renda para a grande parcela da população africana. No extrativismo animal, figuram em primeiro plano o comércio de couro e de peles em Burkina Faso, Botsuana e Djibuti, e o de marfim na África do Sul, Congo, Moçambique e Gabão. O extrativismo vegetal fornece como principais produtos: madeiras, resinas e especiarias, nos países cobertos parcialmente pela floresta equatorial; óleo de palmeira, no Benim e na Costa do Marfim; tâmaras, nos países desérticos.

Agropecuária

A agricultura do continente africano apresenta-se sob duas formas: a de subsistência e a comercial. A primeira é rudimentar, itinerante e extensiva - planta-se em grandes extensões de terra, que são cultivadas anos seguidos, até ocorrer o esgotamento do solo. Em seguida, busca-se outra área, em que se repete o mesmo processo. Trata-se de um sistema pouco produtivo, cujas colheitas abastecem, em geral, apenas os próprios agricultores. Como principais produtos de cultivo citam-se inhame, mandioca, milho, sorgo, batata e arroz.

A forma comercial de agricultura está representada pela plantation, sistema introduzido pelos europeus no período colonial; baseia-se na monocultura de gêneros tropicais em grandes extensões de terra, com produção voltada para o mercado externo.

Muitas vezes as propriedades encontram-se sob o comando de grandes empresas agroindustriais, que encaminham os artigos agrícolas para o processamento industrial.

Enquadram-se nesse caso o algodão e a borracha, bem como o cacau, o café e o amendoim.

Devido às condições naturais pouco propícias à criação de gado bovino, a África tem na pecuária uma atividade econômica de limitado alcance, em geral praticada de forma nômade ou extensiva.

O maior destaque é para a criação de ovelhas na África do Sul e na Etiópia, além de pequenos rebanhos conduzidos por nômades nas regiões de estepes. Nos países situados ao norte do Saara, criam-se camelos e dromedários, animais de grande porte utilizados como meio de transporte. Nessa região, os rebanhos caprino e ovino também são significativos.

Indústria e transportes

A incipiente industrialização do continente, por sua vez, está restrita a alguns pontos do território. Iniciou-se tardiamente, após o processo de descolonização, motivo pelo qual as indústrias africanas levam grande desvantagem em relação ao setor industrial altamente desenvolvido de países do Primeiro Mundo, ou mesmo de Terceiro Mundo, mas industrializados, como o Brasil. Esse distanciamento agrava-se dia a dia com o permanente aprimoramento industrial e tecnológico dos países desenvolvidos.

Toda a sua estrutura econômica é extremamente frágil e dependente, fato que se torna mais evidente no setor industrial: a escassez de capitais, a falta de mão-de-obra técnica especializada e a insuficiência dos meios de transporte, aliados ao baixo poder aquisitivo da população, compõem um quadro nada propício ao desenvolvimento econômico. Mesmo a grande variedade de matérias-primas, sobretudo minerais, que poderia ser utilizada para promover a indústria africana, é destinada basicamente ao mercado externo.

Atuando nesse panorama, as modestas indústrias africanas dedicam-se, em geral, ao beneficiamento de matérias-primas, como madeiras, óleos comestíveis, açúcar e algodão, ou ao beneficiamento de minérios para exportação.

Atraídas pelo baixo preço da mão-de-obra, da energia elétrica e das matérias-primas, muitas indústrias de origem europeia e norte-americana instalaram-se no continente, onde produzem a custo reduzidos artigos cuja exportação lhes possibilita altas margens de lucro.

As indústrias têxteis e alimentares, voltadas para o mercado interno, encontram-se em todos os países do continente, enquanto na África do Sul, no Egito e na República Democrática do Congo estão instaladas as principais indústrias de base (siderúrgicas, metalúrgicas, usinas hidrelétricas etc.)

Essa circunstância justifica o fato de a África do Sul e o Egito serem os países mais industrializados do continente.

O sistema de transportes, bastante precário, constitui um entrave ao desenvolvimento industrial. Implantado pelos colonizadores, tinha como principal finalidade possibilitar o escoamento de matérias-primas e gêneros agrícolas para os portos marítimos, de onde os produtos seguiam para as metrópoles.

Por isso, hoje a África ressenete-se da falta de uma rede rodoviária e ferroviária que interligue eficazmente suas regiões.

Cultura

A cultura da África reflete a sua antiga história e é tão diversificada como foi o seu ambiente natural ao longo dos milênios.

A África é o território terrestre habitado há mais tempo, e supõe-se que foi neste continente que a espécie tenha surgido. Os mais antigos fósseis de homínídeos encontrados na África (Tanzânia e Quênia) têm cerca de cinco milhões de anos.

O Egito foi provavelmente o primeiro Estado a constituir-se na África, há cerca de 5000 anos, mas muitos outros reinos ou cidades-estados se foram sucedendo neste continente, ao longo dos séculos (por exemplo, Axum, o Grande Zimbabwe). Para além disso, a África foi, desde a antiguidade, procurada por povos doutros continentes, que buscavam as suas riquezas.

O continente africano cobre uma área de cerca de 30 milhões de quilômetros quadrados, um quinto da área terrestre da Terra, e possui mais de 50 países. Suas características geográficas são diversas e variam de tropical úmido ou floresta tropical, com chuvas de 250 a 380 centímetros a desertos.

O monte Kilimanjaro (5895 metros de altitude) permanece coberto de neve durante todo o ano enquanto o Saara é o maior e mais quente deserto da Terra.

A África possui uma vegetação diversa, variando de savana, arbustos de deserto e uma variedade de vegetação crescente nas montanhas bem como nas florestas tropicais e tropófilas.

Como a natureza, os atuais 800 milhões de habitantes da África evoluíram um ambiente cultural cheio de contrastes e que possui várias dimensões. As pessoas através do continente possuem diferenças marcantes sob qualquer comparação: falam um vasto número de diferentes línguas, praticam diferentes religiões, vivem em uma variedade de tipos de habitações e se envolvem em um amplo leque de atividades econômicas.

União Africana

União Africana (UA) é a organização internacional que promove a integração entre os países do continente africano nos mais diferentes aspectos. Fundada em 2002 e sucessora da Organização da Unidade Africana, criada em 1963, é baseada no modelo da União Europeia (mas atualmente com atuação mais próxima a da Comunidade das Nações), ajuda na promoção da democracia, direitos humanos e desenvolvimento econômico em África, especialmente no aumento dos investimentos estrangeiros por meio do programa Nova Parceria para o Desenvolvimento da África. Seu primeiro presidente foi o sul-africano Thabo Mbeki.

A União Africana tem como objetivos a unidade e a solidariedade africana. Defende a eliminação do colonialismo, a soberania dos Estados africanos e a integração econômica, além da cooperação política e cultural no continente.

Órgãos

A União Africana possui vários órgãos para regular o funcionamento da entidades e as relações entre seus membros. Alguns exemplos são a Assembleia, o Conselho Executivo e a Comissão da UA.

A Assembleia da União Africana é formada pelos chefes de estado e de governo dos países membros, ou seus representantes devidamente acreditados; é o órgão supremo da União; em 2010 é presidida pelo malawiano Bingu wa Mutharika).

Outros órgãos possuem importância secundária. O Conselho Executivo da União Africana é composto por ministros ou outras autoridades designadas pelos governos dos estados membros.

A Comissão da União Africana é o órgão responsável pela execução das decisões da Assembleia; é dirigido por um Presidente (em 2010, o gabonês Jean Ping), um Vice-Presidente e composto por oito Comissários, cada um responsável por uma área de actividade. O Comité de Representantes Permanentes da União Africana – responsável pela preparação das sessões do Conselho Executivo, é composto por Representantes Permanentes dos Estados-membros, acreditados perante a União.

O Comité de Paz e Segurança da União Africana foi estabelecido durante a Cimeira de Lusaka (Julho de 2001), este comité encontra-se ainda (2008) em processo de ratificação pelos Estados-membros.

O Parlamento Pan-africano – é o órgão que assegura a participação dos povos africanos na governação, desenvolvimento e integração económica do

continente, através do controlo e apoio aos parlamentos dos Estados-membros; é composto por 265 parlamentares, eleitos pelas legislaturas dos 53 estados-membros. O Conselho Económico, Social e Cultural da União Africana é o órgão consultivo da organização; os seus estatutos serão submetidos à Cimeira de Maputo.

Outros órgãos importantes são o Tribunal Judicial da União Africana, cujos estatutos serão submetidos à Cimeira de Maputo, e os Comités Técnicos Especializados, que são grupos de nível ministerial que estudam problemas em áreas específicas, como:

Comité sobre Economia Rural e Agricultura;

Comité sobre Assuntos Monetários e Financeiros;

Comité sobre Comércio, Alfândegas e Imigração;

Comité sobre Indústria, Ciência e Tecnologia, Energia, Recursos Naturais e Ambiente;

Comité sobre Transportes, Comunicações e Turismo;

Comité sobre Saúde, Trabalho e Assuntos Sociais; e

Comité sobre Educação, Cultura e Recursos Humanos;

A UA também conta com algumas instituições financeiras, a exemplo da Zona do Euro. Entretanto não há uma moeda única. O Franco CFA é utilizado em apenas alguns países de colonização francesa. As instituições financeiras são o Banco Central Africano, o Fundo Monetário Africano e o Banco Africano de Investimentos. Existem planos para a criação futura de uma moeda única, a chamada Afro (moeda).

Economia

Tal como a sua antecessora, a Organização da Unidade Africana, a UA promove a integração regional como forma de desenvolvimento económico. O objetivo final é a completa integração das economias de todos os países da África, numa Comunidade Económica Africana.

Neste momento, funcionam as seguintes organizações de integração regional:

A Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO),
A Comunidade Económica dos Estados da África Central (CEEAC),
A Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC),
A Comunidade da África Oriental (EAC),
O Mercado Comum da África Oriental e Austral (COMESA) e
A União Árabe do Magrebe (UMA).

Como cada bloco é autônomo, uma crise inicial em um pilar não afetará diretamente os outros que sustentam o programa de integração continental.

Em 10/06/2015, foi ratificado, em encontro da UA no Cairo, a união dos países que formam a COMESA, EAC e SADC para a formação de uma zona de livre comércio única, buscando um Mercado comum. Essa comunidade deve entrar em vigor em 2017, a chamada, Zona Tripartida de Livre Comércio (ZTLC)

Esse é, portanto, o primeiro passo de união dos pilares antes existentes, visando a unificação geral dos mercados africanos.

Línguas

A União Africana promove o uso de línguas africanas sempre que é possível nos seus trabalhos oficiais. As línguas oficiais são árabe, francês, inglês, espanhol, português e suaíli.

Membros

A União Africana possui 54 membros, cobrindo quase todo o continente africano. Marrocos retirou-se da organização porque a República Árabe Saaraui Democrática (Saara Ocidental) foi aceita como membro, no entanto, em 20 de janeiro de 2017, a UA o admitiu como um estado membro.

 África do Sul	 Guiné	 República Democrática do Congo
---	---	---

 Angola	 Guiné-Bissau	 República do Congo
 Argélia	 Guiné Equatorial	 Ruanda
 Benim	 Lesoto	 São Tomé e Príncipe
 Botswana	 Libéria	 Seicheles
 Burkina Faso	 Líbia	 Senegal
 Burundi	 Madagáscar	 Serra Leoa
 Cabo Verde	 Malawi	 Somália
 Camarões	 Mali	 Suazilândia
 Chade	 Marrocos	 Sudão
 Comores	 Maurícia	 Sudão do Sul
 Costa do Marfim	 Mauritânia	 Tanzânia
 Djibouti	 Moçambique	 Togo
 Egito	 Namíbia	 Tunísia
 Eritreia	 Níger	 Uganda
 Etiópia	 Nigéria	 Zâmbia
 Gabão	 Quênia	 Zimbabwe
 Gâmbia	 República Árabe Saaraui Democrática	
 Gana	 República Centro-Africana	

Afro (moeda)

O afro é a moeda oficial proposta para a União Africana, que consiste dos estados africanos da África do Sul, Angola, Argélia, Benim, Botswana, Burkina Faso, Burundi, Cabo Verde, Camarões, Chade, Costa do Marfim, Djibouti, Egito, Eritreia, Etiópia, Gabão, Gâmbia, Gana, Guiné, Guiné-Bissau, Guiné

Equatorial, Lesoto, Libéria, Líbia, Madagascar, Malawi, Mali, Marrocos, Maurícia, Mauritânia, Moçambique, Namíbia, Níger, Nigéria, Quênia, República Árabe Saaraui Democrática, República Centro-Africana, República Democrática do Congo, República do Congo, Ruanda, São Tomé e Príncipe, Senegal, Serra Leoa, Seychelles, Somália, Suazilândia, Sudão, Tanzânia, Togo, Tunísia, Uganda, Zâmbia e Zimbábwe.

A cronologia atual estabelecida pelo Tratado de Abuja pede para que o afro seja instituído pelo Banco Central Africano em 2028.

Lista de conflitos na África

Países da África que atualmente estão em conflito: Egito, Sudão, Líbia, Tunísia, Argélia, Marrocos, Somália, Uganda, Mali, Mauritânia, Níger, Nigéria, Saara Ocidental, República Democrática do Congo e Chade

Esta é uma lista completa dos conflitos na África (organizadas por país);

Guerras entre nações africanas

Guerras civis dentro das Nações africanas

Guerras Coloniais / Conflitos na África

Guerras de Independência das nações Africanas

Conflitos secessionista / separatista da África

Grandes episódios de violência (motins, massacres, etc) nas nações africanas.

Argélia

Guerra da Argélia

Guerra Civil da Argélia

Campanha Norte-Africana (II Guerra Mundial)

Angola

Guerra de Independência de Angola

Guerra Civil Angolana

Batalha do Cuito Cuanavale

Batalha de Cassinga

Conflito com a FLEC

Benin

Expedição punitiva de Benin 1897

Burkina Fasso

Guerra da Faixa de Agacher

Burundi

Guerra Civil do Burundi

Camarões

Campanha da África Ocidental (Primeira Guerra Mundial)

Campanha da África Ocidental (Segunda Guerra Mundial)

Chade

Guerra Civil no Chade:

Guerra civil no Chade (1965-1979)

Guerra civil no Chade (1979-1982)

Guerra civil no Chade (1998-2002)

Guerra civil no Chade (2005-presente) (também envolve o Sudão)

Guerra Líbia-Chade 1978-1987

Comores

Crise de Secessão de Comores

Invasão de Anjouan de 2008

Congo-Brazzaville (República do Congo)

Guerra Civil do Congo (Brazzaville)

Guerra Civil do Kongo

Congo-Kinshasa (República Democrática do Congo)

Crise do Congo

Secessão de Katanga

Secessão do Kasai do Sul

Rebelião Simba

Invasões Shaba

Primeira Guerra de Shaba

Segunda Guerra de Shaba

Primeira Guerra do Congo

Segunda Guerra do Congo

Conflito de Ituri

Conflito de Kivu

Costa do Marfim

Primeira Guerra Civil da Costa do Marfim

Segunda Guerra Civil da Costa do Marfim

Djibouti

Guerra Civil do Djibouti

Conflito fronteiriço Djibouti-Eritreia

Egito

Guerra árabe-israelense de 1948

Guerra Líbia-Egito

Guerra Mahdista

Campanha Norte-Africana (II Guerra Mundial)

Guerra dos Seis Dias

Crise de Suez

Guerra de Yom Kippur

Eritreia

Primeira Guerra Ítalo-Etíope

Segunda Guerra Ítalo-Etíope

Campanha do Leste Africano (II Guerra Mundial)

Guerra de Independência da Eritreia

Guerra Etiópia-Eritreia

Etiópia

Campanha do Leste Africano (II Guerra Mundial)

Batalha de Keren

Guerra de Independência da Eritreia

Guerra Etiópia-Adal

Guerra Civil da Etiópia

Guerra Etiópia-Eritreia

Expedição para a Abissínia de 1868

Primeira Guerra Ítalo-Etíope

Batalha de Adowa

Guerra de Ogaden

Segunda Guerra Ítalo-Etíope

Batalha de Maychew

Gabão

Campanha da África Ocidental (Segunda Guerra Mundial)

Batalha do Gabão

Gâmbia

Guerra da Gâmbia

Guerra Civil de Gâmbia

Segunda Guerra de Gâmbia

Gana

motins em Accra

Guiné-Bissau

Guerra de Independência da Guiné-Bissau

Guerra Civil na Guiné-Bissau

Quênia

Campanha do Leste Africano (I Guerra Mundial)

Campanha do Leste Africano (II Guerra Mundial)

Revolta dos Mau-Mau (1952-1960)

Guerra de Shifta (1963-1967)

Crise política no Quênia (2007 – 2008)

Lesoto

Guerra de Basuto

intervenção da África do Sul em Lesoto

Libéria

Primeira Guerra Civil da Libéria

Segunda Guerra Civil da Libéria

Líbia

Guerra Civil Líbia

Conflito Chade-Líbia

Guerra Ítalo-Turca

Guerra Líbia-Egito

Campanha Norte-Africana (II Guerra Mundial)

Madagascar

Batalha de Madagascar (II Guerra Mundial)

Segunda expedição de Madagáscar

Primeira expedição de Madagáscar

Revolta Malgaxe

Mali

Guerra da Faixa de Agacher

Rebeliões Tuaregues

Malawi

Campanha do Leste Africano (I Guerra Mundial)

Mauritânia

Guerra Mauritânia-Senegal

Maurício

Batalha de Grand Port

Marrocos

Campanha Norte-Africana (II Guerra Mundial)

Guerra do Marrocos (1859)

Guerras do Rife

Guerra de Margallo (Primeira Guerra do Rife; 1893–1894)

Guerra do Rife (1909)

Guerra do Rife (1920-1926)

Guerra das Areias

Conflito do Saara Ocidental

Moçambique

Campanha do Leste Africano (I Guerra Mundial)

Guerra da Independência de Moçambique

Guerra Civil de Moçambique

Namíbia

Genocídio dos Hererós e Namaquas

Guerra de Independência da Namíbia

Campanha do Sudoeste da África (I Guerra Mundial)

Rebelião Maritz

Níger

Rebeliões Tuaregues

Nigéria

Insurgência Islâmica na Nigéria

Conflito no Delta do Níger

Guerra Civil da Nigéria

Massacre de Yelwa

Ruanda

Guerra Civil de Ruanda

Genocídio de Ruanda

São Tomé e Príncipe

Massacre de Batepá

Senegal

Conflito de Casamança

Guerra Mauritânia-Senegal

Campanha da África Ocidental (Segunda Guerra Mundial)

Batalha de Dakar

Serra Leoa

Guerra Ndogboyosoi

Guerra Civil de Serra Leoa

Somália

Cmpanha do Leste Africano (II Guerra Mundial)

Conquista italiana da Somalilândia Britânica

Guerra de Ogaden

Guerra Civil da Somália

Guerra na Somália (2006-presente)

África do Sul

Guerra Anglo-Zulu

Batalha de Isandlwana

Batalha do Rorke's Drift

Batalha de Intombe

Batalha de Gingindlovu

Cerco de Eshowe

Batalha de Hlobane

Batalha de Kambula

Batalha de Ulundi

Guerras Xhosa

Batalha de Blood River

Batalha de Blaauwberg

Primeira Guerra dos Bôeres

Segunda Guerra dos Bôeres

Massacre de Sharpeville

Levante de Soweto

Guerra de fronteira sul-africana

Batalha de Cassinga

Campanha do Sudoeste da África (I Guerra Mundial)

Rebelião Maritz

Massacre Weenen

Guerra Ndwandwe–Zulu

Sudão

Campanha do Leste Africano (II Guerra Mundial)

Guerra Mahdista

Batalha de Abu Klea

Batalha de Omdurman

Batalha de Umm Diwaykarat

Primeira guerra civil sudanesa

Rebelião Anyanya

Segunda guerra civil sudanesa

Conflito de Darfur

Conflito entre Chade e Sudão

Suazilândia

Segunda Guerra dos Bôeres

Tanzânia

Revolta Abushiri

Guerra Anglo-Zanzibari

Campanha do Leste Africano (I Guerra Mundial)

Batalha de Tanga

Rebelião Maji Maji

Guerra Uganda-Tanzânia

Revolução de Zanzibar (1964)

Togo

Campanha da África Ocidental (Primeira Guerra Mundial)

Tunísia

Campanha Norte-Africana (II Guerra Mundial)

Uganda

Golpe de Estado na Uganda de 1971

Operação Entebbe (1976)

Guerra Uganda-Tanzânia (1978 - 1979)

Queda de Kampala (1979)

Guerra Civil de Uganda (1982 - 1986)

Insurgência em Uganda

Saara Ocidental

Guerra de Ifni

Conflito do Saara Ocidental

Zâmbia

Campanha do Leste Africano (I Guerra Mundial)

Campanha do Leste Africano (II Guerra Mundial)

Zimbábue

Primeira Guerra Matabele

Chimurenga / Guerras Civis de Zimbabué

Segunda Guerra Matabele

Segunda Guerra Chimurenga/Guerra Civil da Rodésia

Lista cronológica de guerras do século XXI

- 2001-presente: Guerra ao Terrorismo
- 1997-presente: Terrorismo islâmico no Egito
- 2002-presente: Insurgência islâmica no Magreb
- 2002-presente: Operação Liberdade Duradoura - Chifre da África
- 2006: Ascensão da União das Cortes Islâmicas
- 2006 - 2009: Guerra da Etiópia na Somália
- 2007 - atual: Operação Liberdade Duradoura - Trans Saara
- 2009 - atual: Guerra civil islâmica na Somália
- 2009 - atual: Insurgência na Nigéria
- 2002 - 2003: Guerra civil da Costa do Marfim
- 2003-presente: Conflito em Darfur
- 2004: Confrontos franco-marfinense de 2004
- 2004 - presente: Conflito no Delta do Níger
- 2004-presente: Guerra Civil na República Centro-Africana
- 2004-presente: Conflito de Kivu
- 2005-presente: Guerra Civil no Chade
- 2005 - 2008: Insurgência no Monte Elgon
- 2007-presente: Segunda Revolta Tuaregue
- 2007 - 2008: Crise queniana
- 2008: Invasão de Anjouan de 2008
- 2008: Conflito fronteiriço Djibuti-Eritreia